

Fernando Orduz*

Di-versas diversões sobre o humor e o riso

*Perdoem-me por não me levantar.
Epitáfio sugerido por Groucho Marx*

Algo há no humor, no chiste, no riso, que ronda a ideia da subversão. Subverter tem a conotação de reavaliar as normas que dão razão de ser a uma ordem institucional. Isso pode ser entendido sob a ideia de romper esquemas, criticar o *status quo* do estabelecimento, repropor paradigmas. Mas também poderia se pensar em outra forma de enunciado: *sub-versão* (dando ênfase na separação do prefixo *sub* e da raiz *versão*), o que dá um matiz diferente, conotando uma significação de menor grau: uma versão *sub* se refere, por exemplo, a um subcampeão, a subdesenvolvimento, palavras nas quais o prefixo *sub* denota um menor valor.

Na Grécia clássica, Platão não foi muito amante do riso. Ainda que reconheça no riso um prazer, ao mesmo tempo afirma que o riso é obsceno, transgressor da harmonia, da integridade e da consciência social. Por isso, tange somente aos loucos, bufões, vis e escravos.

Aristóteles, ao contrário, parecia fazer um reconhecimento dele no segundo tomo da *Poética*, livro do qual a história ficou nos devendo sua existência e que serve de acontecimento para a novela *O nome da Rosa*, de Humberto Eco (1980/1984), cuja trama se enraíza na história de Jorge de Burgos, um monge cego do século XVI, que esconde o segundo

tomo da *Poética*, no qual o Estagirita faz um reconhecimento à comédia como fonte de conhecimento. Esta obra é considerada perigosa por Jorge de Burgos precisamente porque colocaria o riso como um elemento de igual valor para a vida como seria a dimensão trágica, validada no primeiro tomo da *Poética*.

O trágico tomou em nossa milenária história ocidental uma espécie de dimensão sublimine da experiência humana, em detrimento da comédia, que pareceria ter uma conotação mais mundana ou de menor valia.

Por outro lado da origem de nossa história, a cultura judaico-cristã tem uma narrativa trágica, e os relatos do Antigo Testamento dão conta do drama de sua existência: do vil assassinato fratricida até a idolatria do sofrimento de um homem na cruz. A Igreja condenou o riso desde o século IV, proibiu-o no templo e propôs que Cristo nunca teria rido.

Na novela de Eco (1980/1984), o monge cego qualifica de forma demoníaca o riso:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a sensaboria da nossa carne [...]. Mas aqui, aqui... - agora Jorge batia com o dedo na mesa - aqui inverte-se a função do riso, eleva-se a uma arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos [...] este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sapiência. [...]. O riso desvia, por alguns instantes, o vilão do medo. Mas a lei impõe-se através do medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. E deste livro poderia partir a centelha luciferina que transmitiria ao mundo inteiro um novo incêndio: e o riso

tologista, duas pessoas em análise, mostrando uma mudança de posição subjetiva frente ao padecimento, um tipo de realocação em relação ao que acreditam que sabem e ao que acreditam que acreditam.

Teresita Ana Milán propõe em “O sentido comum do bom humor” o humor na análise como indicador de acontecimento significativo. Para isso, Milán apresenta várias vinhetas clínicas e percebe que ao buscar exemplos de situações clínicas nas quais utilizou o humor, apareciam com frequência situações clínicas com conteúdo sexual, o que a leva a se perguntar: será que a sexualidade ainda continua sendo algo espinhoso para se tratar “a sério”?

Eva Tucherman aproxima em “*Setting* bem-humorado” a perspectiva freudiana da psicanálise e o humor costurados com um fio inquebrantável. Tucherman ilustra com uma vinheta clínica o uso do humor para desarmar as defesas e assim gerar encontros bem-humorados que equivalem à transformação obtida pelo *rêverie* proposto por Bion.

Antonio Velásquez Convers parte, em “O humor na análise e a análise do humor”, das primeiras ideias econômicas de Freud sobre a economia de energia psíquica do humor. Velásquez destaca a perspectiva comunicativa do humor, uma comunicação que, no interior do vínculo analítico e com um bom manejo do *timing*, converte-se em uma forte ferramenta analítica.

María del Carmen Ramos sustenta em “O humor no divã” que a interpretação com humor permite tolerar melhor os afetos desprazerosos, sem negá-los, convertendo um momento de tensão e desencontro em uma possibilidade de vínculo e *insight*. Ramos exemplifica o uso do senso de humor direcionando-o para ela mesma, produzindo um efeito imediato nas pessoas em análise ao possibilitar uma transformação das emoções negativas que estavam envolvendo a relação naquele momento.

Carlos Brück nos diz em “Saber fazer/fazer saber” que o humor é um recurso precioso

para identificar e para confinar a angústia que emerge das profundezas do aparelho psíquico. Brück destaca que o humor não tem nenhuma relação com a frivolidade ou a falta de consideração pelos afetos da pessoa em análise; muito pelo contrário, denota um entendimento sutil da necessidade de aliviar, em lugar de solenizar, as palavras do analisante.

Daniel Rodríguez nos mostra em “O humor e seu lugar na cultura atual” as conexões do humor em diferentes âmbitos comunitários. Rodríguez situa uma mudança de perspectiva que modifica nos seres humanos uma versão prévia dos fatos na relação do humor com o pensamento crítico. A resiliência e a arte são também âmbitos nos quais explora a ocorrência do humor, acompanhando ou precedendo processos de mudança.

Andrés Rascovsky descreve em “Sobre o humor” os múltiplos efeitos da capacidade humana para gerar o humor. Rascovsky recomenda aos psicanalistas (“arqueólogos do trauma, especialistas no sofrer oculto e continentes de projeções potencialmente tóxicas”) que se aventurem nas terras da alegria e da visão jocosa, exercendo assim uma perspectiva que nos restitua o atrevimento necessário para enfrentar o exercício clínico diário.

Referências

Freud, S. (1988). *El humor*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 153-162). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).

Szabó, D. (s. f.). *Humor y psicoanálisis: Un asunto serio*. Disponível em: <https://www.apuruguay.org/sites/default/files/el-humor-szabo.pdf>

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

designar-se-ia como a arte nova, ignorada até de Prometeu, para anular o medo.¹ (pp. 485-486)

Em uma concepção de mundo habitada pela censura e a repressão, segundo a qual se controla com base na indução do temor e se sublima a via da dor e do sofrimento, o riso acaba sendo uma forma condenável de expressão ao omitir o caminho doloroso e punitivo.

Se o riso alude à repressão, minimizar seu valor seria a segunda linha de defesa, uma espécie de derivação da negação que retiraria valor daquilo que o cômico consegue evidenciar. Os elementos associados ao cômico terão então uma conotação de fealdade, banalidade ou ridículo. Aristóteles (trad. em 1974) dizia benevolmente que: “O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente”² (p. 142).

A comicidade não encontra valor em um mundo de ideais tecidos entre a razão estoica e o sofrimento católico; caberia perfeitamente dizer que o humor ou o chiste não são levados a sério por esse tipo de universo.

O cômico nos oferece uma lente da realidade que não reflete o que o narcisismo do espelho plano anseia; um cômico dá um olhar através de uma lente curva (côncava ou convexa) que perturba as formas originais da realidade. Isso implica uma configuração desmensurada ou exagerada; na comédia, isso é um signo. A lente curva que o cômico nos em presta para ver a realidade poderia nos deixar frente a dimensões grotescas, monstruosas, satíricas. O cômico não teria lugar no conforme; se algo é conforme, não provoca riso.

Não obstante, a deformação também poderia gerar horror. Há uma deformação que ao fazer sentido, provoca riso, enquanto que

se a deformação não consegue ser contida por uma forma de expressão que abrigue um sentido, nos deixará frente ao horror. Este aca-salamento do humor e do horror poderia nos levar a um terreno comum: a angústia.

Do ponto de vista da técnica analítica, o humor seria uma forma de apaziguar os conteúdos psíquicos que em sua origem produziram angústia. Não é à toa que Freud (1928/1988) pensava o humor como uma ação benevolente do superego frente ao ego: “[O humor] transmite: ‘Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!’”³ (p. 162).

O riso permite que a agressão dilua seu efeito mortífero; se não existisse, o afeto destrutivo da agressão nos deixaria em um estado de amargura permanente. A emergência do riso é a significação de uma economia de energia psíquica que pelo caminho da via dolorosa da angústia ou do sofrimento não faz outra coisa senão uma perpetuação masoquista de uma mesmidade repetitiva.

O humor no interior do tratamento analítico poderia ser o indício de uma mudança de sentido, de uma transformação do conteúdo inconsciente. O pranto do sofredor pareceria mostrar uma manifestação dolorosa de algo que continua estando aí sem possibilidade de transformação.

Referências

- Aristóteles (trad. em 1974). *Poética*. Madri: Gredos. (Obra original del siglo IV a. C.).
- Eco, H. (1984). *El nombre de la rosa*. Bogotá: Círculo de Lectores. (Trabalho original publicado em 1980).
- Freud, S. (1988). El humor. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1928).

Calibán - RLP, 18(1) - Volume 18-1, 175-177 · 2020

Agustina Fernández*

Humor na análise

*Ademais, nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado...*¹

Freud, 1927

Freud adverte: a possibilidade do humor não é para todos. É preciso certa plasticidade subjetiva para suportar o *como se* que desmente um pedaço de realidade – ainda que seja por um momento – e habilita o triunfo do prazer.

Numerosos trabalhos no campo da psicanálise se dedicaram a estudar a trama comum, as delimitações e, fundamentalmente, as diferenças do cômico, do chiste e do humor (Freud, 1905/1990b; Lacan, 1958/2016; Yampey, 1980; Abadi, 1982; Alizade, 1983; De Soldati, 2017). Enfocaremos aqui o humor na clínica, ato psíquico que afasta o sujeito da alienação que tinha no sintoma, o aproxima da verdade e o pacifica.

A chave se situa nesse nó entre o humor e o sério. Desencadear-se por um momento da realidade, não a levar tão a sério para que o humor tenha oportunidade de surgir. Frente ao perigo ou à culpa, esse mágico “não é sério do humor” é liberador (Abadi, 1982).

A *atitude humorística* (Freud, 1927/1990c) implica uma posição subjetiva frente à vida – e à morte –, de certa leviandade, liberdade, criatividade. O narcisismo situa o sujeito no centro da cena, economiza-lhe sentimentos dolorosos e eleva o ganho de prazer. Nos termos da segunda tópica, o Ego se apresenta sedutor, inclusive provocador, e o Superego habilita o recreio, dá permissão. O Superego, herdeiro das instâncias parentais e das identificações do complexo de Édipo, trata o Ego como os progenitores tratavam à criança, concede-lhe o lugar de *his Majesty, the baby* ante quem cessam “as leis da natureza e da sociedade”² (Freud, 1914/1990d, p. 88). Essa versão benévola do Superego, pacificante, se situa na linha identificatória com o pai enquanto simbólico (Lacan, 1957/1996). Habilita o sujeito, relativiza certezas e releva o desejo de culpa.

Nem todos os homens são capazes de prazer humorístico. Para alguns, a vida é tão séria que não lhes está permitido rir. Rir do drama seria caçoar da desgraça (Freud, 1917 [1915]/1990a). No que se refere às “investiduras do Superego”, por sua rigidez e severidade, não se conciliam bem com o humor, a neuro-

1. N. do T.: Tradução de M.C. Pinto. A tradução desta citação corresponde à página 385 de: Eco, U. (2001). Em M.C. Pinto (trad.), *O nome da rosa*. Miraflores: Difusão Editorial. Versão eletrônica recuperada em <https://cdn.culturagenial.com/arquivos/o-nome-da-rosa.pdf> (Obra original publicado em 1980).

2. N. do T.: Tradução de E. de Souza. A tradução desta citação corresponde à página 245 de Aristóteles. (1984) *Poética*. Em E. de Souza (trad.), *Aristóteles* (pp. 237 – 268). São Paulo: Abril. (Obra original do século IV a. C.).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 - 103 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 57 de: Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 46 - 64). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>